

MERCADO DE DISTÂNCIAS E FORTUNAS

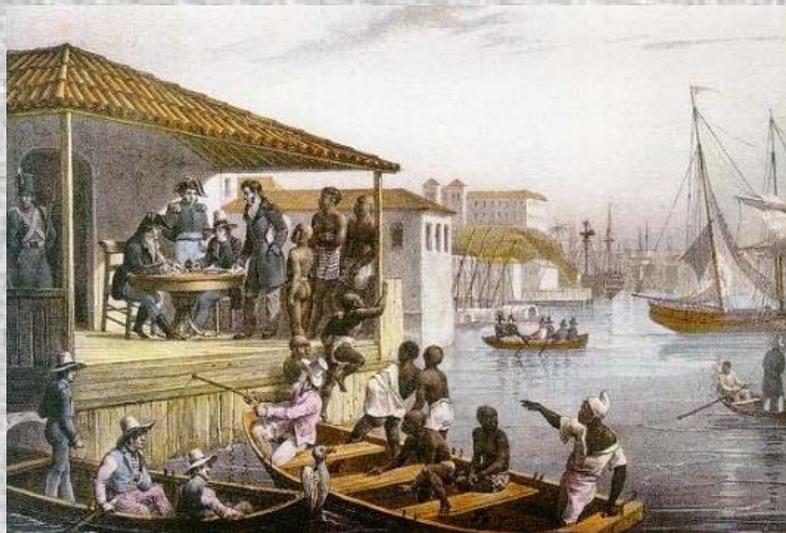
Comércio Interno de Escravos em Campinas e São Paulo - 1790 a 1850

Mariana H. Meschiatti – IFCH/UNICAMP - Orientador: Prof. Dr. Robert W. Slenes

Palavras-chave: Comércio de Escravos; Campinas, São Paulo; Comércio Interno

A Província de São Paulo alterou sua economia de subsistência isolada no planalto para economia agrícola exportadora ligada ao mercado mundial, durante a segunda metade do século XVIII e primeira do XIX. A transformação envolveu uma ampla importação de escravos que se tornariam a base do trabalho na nova dinâmica que estava se estabelecendo.

O município de Campinas atraiu muitos compradores de terras que pretendiam produzir açúcar para exportação ou gêneros alimentícios para o mercado interno. Dessa forma, a demanda de mão de obra, a partir de 1790 e, pelo que indica o aumento espantoso da população de escravos em curto período de tempo, ela foi atendida. O mesmo pode ser assegurado para o município de São Paulo, que começou a produzir gêneros alimentícios, café, açúcar e aguardente gerando uma demanda de escravos considerável.



Desembarque de escravos, de Johann Moritz Rugendas, século XIX.

Mercado de escravos, de Johann Moritz Rugendas, século XIX.

Até 1850 os fluxos comerciais de escravos entre as províncias estavam subordinados às oscilações do grande tráfico atlântico de africanos. Os transportadores internos de escravos, observa Florentino, não eram os mesmos importadores transatlânticos de africanos. Eram centenas de mercadores regionais menores que formavam um conjunto de comerciantes independentes. Para aquisições de escravos, deveria ser pago um imposto de transmissão denominado “meia-sisa”, nos quais constam informações sobre os preços, vendedores e compradores, as origens africanas dos cativos, seus nomes, idades, ofícios e preços.

